

# Queda de juros será mais lenta

RICARDO ALLAN

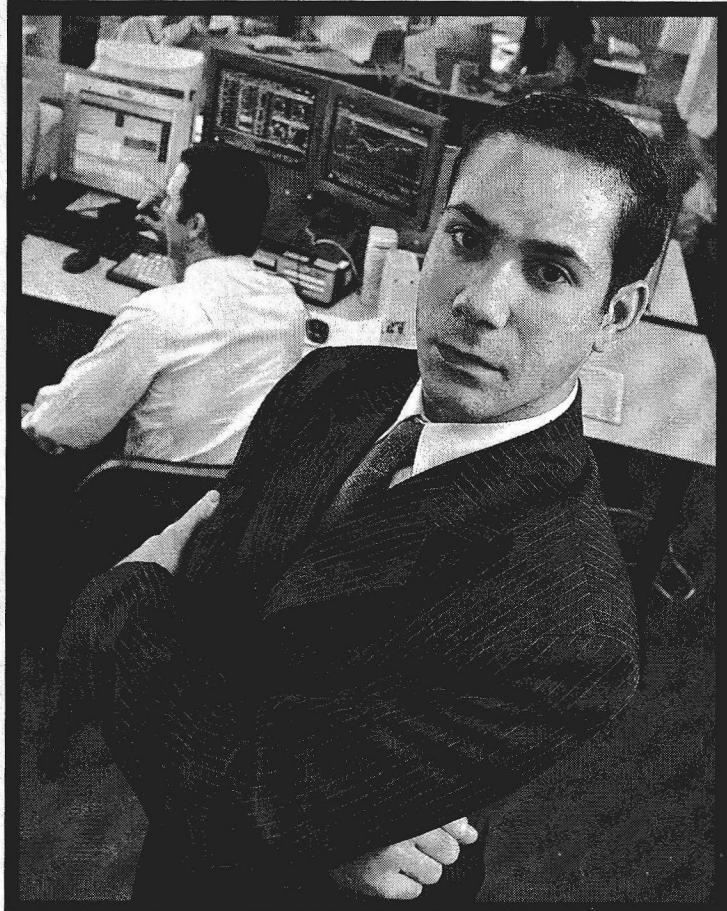
DA EQUIPE DO CORREIO

Pressões inflacionárias de curto prazo, sinais de aquecimento da economia e incertezas sobre os efeitos da política monetária foram os fatores que levaram o Banco Central (BC) a diminuir o ritmo de corte da taxa básica de juros (Selic) na semana passada. As explicações constam da ata do Comitê de Política Monetária (Copom), divulgada ontem. Interrompendo a velocidade de queda das cinco reuniões anteriores, de 0,5 ponto percentual, o Copom decidiu reduzir a taxa em apenas 0,25 ponto, fixando-a em 13% ao ano. Analistas acreditam que o momento da "parada técnica" na queda dos juros está se aproximando.

De acordo com a ata, os cinco membros do Copom que votaram por uma redução de 0,25 ponto entenderam que a preservação da inflação baixa e do crescimento demandava uma política monetária conduzida com "parcimônia" já a partir da reunião da semana passada. "Essa ponderação se torna ainda mais relevante quando se leva em conta os sinais de demanda aquecida, as pressões sobre a inflação no curto prazo e que as decisões de política monetária passarão a ter impactos concentrados no segundo semestre de 2007 e, progressivamente, em 2008", justificaram os diretores do BC no texto.

Em outras palavras, o Copom praticamente enterrou a hipótese de voltar a diminuir a Selic em 0,5 ponto na próxima reunião, no início de março, apesar das discordâncias entre os membros do

Ivonaldo Alexandre/Valor/Agência O Globo - 21/11/03



ALEX AGOSTINI, DA AUSTIN RATING: BC FOI EXAGERADAMENTE CONSERVADOR

comitê quanto ao ritmo da queda permitido pelo cenário econômico. Na semana passada, três diretores do BC votaram pela manutenção do corte de 0,5 ponto, mas foram derrotados. Para o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, o BC foi "exageradamente conservador" na sua avaliação. "A economia está tranquila. Não há esse estímulo todo à demanda para se temer repiques da inflação", afirma.

Por trás das afirmações da ata, está uma preocupação com os rumos da política fiscal no Brasil, especialmente depois do anúncio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), avalia Agostini. "Mesmo sendo uma obra de ficção, o PAC vai gerar expansão de gastos se suas medidas forem aprovadas no Congresso. Isso acende a luz amarela no BC", assegura. O economista cita duas iniciativas que, em vez de trazer

calmaria para as despesas públicas, funcionam como um fator preocupante para a autoridade monetária: as fórmulas de expansão da folha dos servidores e do reajuste do salário mínimo.

Por causa das preocupações quanto ao cenário inflacionário, o economista acredita que o BC deve cortar 0,25 ponto na Selic na próxima reunião e manter a taxa em 12,75% nos encontros seguintes. A "parada técnica" serviria para que se avaliassem os efeitos dos cortes na atividade econômica. Na avaliação do economista-chefe da Austin, as reduções nos juros seriam retomadas ao longo do segundo semestre num ritmo de 0,25 ponto, com a Selic fechando o ano por volta de 11,75%.

Segundo a ata do Copom, as pressões inflacionárias de curto prazo estão relacionadas principalmente à alta de preços de alimentos e itens administrados pelo governo, como as tarifas de transporte público em algumas capitais. "Tendo em vista que esses efeitos ainda não se esgotaram, é provável que continuem sendo captados nos indicadores de inflação a serem divulgados nas próximas semanas", alertaram. O BC elevou a projeção de crescimento dos preços administrados de 4,5% para 4,8%. Em compensação, a autoridade monetária projeta reajuste zero nos preços da gasolina e do gás em botijão neste ano. As estimativas para eletricidade e telefonia fixa são de aumento de 4,6% e 3,9% respectivamente. A expectativa dos analistas de mercado é de que a inflação medida pelo IPCA fique em 4,07% neste ano, abaixo do centro da meta, fixado em 4,5%.